



A crise de redirecionamento da indústria

A redução no crescimento da economia brasileira surpreendeu ao governo, na intensidade em que foi verificada. A desaceleração era prevista, mas seu ritmo foi além do que era esperado. No inicio do ano, havia uma estimativa de crescimento para 1981 entre quatro e cinco por cento. Hoje, as previsões mais otimistas estimam que, se esse crescimento atingir a 1% ao final do ano, será um bom resultado.

Dois fatores influiram ain-

da para os contornos do quadro atual: a nova política salarial e a liberação das taxas de juros. No primeiro caso, as classes menos favorecidas, com ganhos até três salários mínimos, tiveram seu poder de compra aumentado, o que veio a influir no próprio comportamento do setor industrial. As indústrias buscaram mudar, na medida do possível, sua linha de produtos, em consequência da redução da demanda de bens mais sofisticados.

O aumento do poder de compra de uma parcela da população não foi suficiente para que esta parcela adquirisse produtos situados nesta linha de sofisticação. A indústria voltou-se, então, para a linha de produtos acessíveis às faixas de renda beneficiadas com a política salarial.

A liberação da taxa de juros no mercado interno foi um expediente adotado como tática, para estimular os tomadores a procurar o mercado externo. Ainda nesta linha, a liberação também atingiu os preços de bens duráveis, e o segmento mais atingido foi da indústria de transformação, com redução nas vendas de seus produtos. Este segmento participa com mais de setenta por cento do produto industrial, que até outubro registrou uma queda de sete por cento.

De acordo com dados do IBGE, o desempenho da indústria de transformação caiu ainda mais nos três primeiros trimestres deste ano, em comparação com o mesmo período do ano passado. O índice de produção ficou em 0,07 por cento nos primeiros seis meses deste ano e em -3,44 por cento no segundo trimestre, caiu para -7,7 por cento no terceiro trimestre.

Entre os setores mais afetados, estão as indústrias de material de transporte, produtos de matéria plástica, metalurgia e de material elétrico e de comunicações. Esses setores enquadram-se nas categorias de bens de capital e bens de consumo duráveis.

Nos três primeiros trimestres do ano, apenas as indústrias farmacêutica, de per-

curva de crescimento. Explicou que, quando a inflação situar-se em patamar inferior a 40 por cento ao ano, o Brasil poderá retomar seu ritmo de crescimento anterior, sem a euforia de antes e mantendo um nível de mercado compatível com as condições do país.

Dois fatores influiram ain-

da para os contornos do quadro atual: a nova política salarial e a liberação das taxas de juros. No primeiro caso, as classes menos favorecidas, com ganhos até três salários mínimos, tiveram seu poder de compra aumentado, o que veio a influir no próprio comportamento do setor industrial. As indústrias buscaram mudar, na medida do possível, sua linha de produtos, em consequência da redução da demanda de bens mais sofisticados.

O aumento do poder de compra de uma parcela da população não foi suficiente para que esta parcela adquirisse produtos situados nesta linha de sofisticação. A indústria voltou-se, então, para a linha de produtos acessíveis às faixas de renda beneficiadas com a política salarial.

A liberação da taxa de juros no mercado interno foi um expediente adotado como tática, para estimular os tomadores a procurar o mercado externo. Ainda nesta linha, a liberação também atingiu os preços de bens duráveis, e o segmento mais atingido foi da indústria de transformação, com redução nas vendas de seus produtos. Este segmento participa com mais de setenta por cento do produto industrial, que até outubro registrou uma queda de sete por cento.

De acordo com dados do IBGE, o desempenho da indústria de transformação caiu ainda mais nos três primeiros trimestres deste ano, em comparação com o mesmo período do ano passado. O índice de produção ficou em 0,07 por cento nos primeiros seis meses deste ano e em -3,44 por cento no segundo trimestre, caiu para -7,7 por cento no terceiro trimestre.

Entre os setores mais afetados, estão as indústrias de material de transporte, produtos de matéria plástica, metalurgia e de material elétrico e de comunicações. Esses setores enquadram-se nas categorias de bens de capital e bens de consumo duráveis.

Nos três primeiros trimestres do ano, apenas as indústrias farmacêutica, de per-

curva de crescimento. Explicou que, quando a inflação situar-se em patamar inferior a 40 por cento ao ano, o Brasil poderá retomar seu ritmo de crescimento anterior, sem a euforia de antes e mantendo um nível de mercado compatível com as condições do país.

Segundo técnicos do governo, embora as estimativas estatísticas indiquem um índice de produção industrial negativo ao final deste ano, apontando uma pequena retomada do crescimento, alterações conjunturais poderão reforçar ainda mais a recuperação, sem prejuízo à política de combate à inflação e sem perder de vista as dificuldades do balanço de pagamentos, cujo déficit em conta corrente deve situar-se em torno de US\$ 11 bilhões, 33,5 por cento do PIB, segundo dados da SEPLAN.

A análise do desempenho industrial, por categoria, mostra que o setor de bens de capital, em relação ao ano passado, registra um decréscimo de -16,61 por cento, seguido pelas indústrias de bens intermediários, com -8,13 por cento. O melhor desempenho está com as indústrias de bens de consumo não-duráveis, que encerraram o terceiro trimestre com um índice negativo de -1,65 por cento, em relação ao mesmo período do ano passado.

Relativamente aos últimos doze meses, é também a categoria de bens de consumo duráveis que aparece com índice mais baixo (-14,87 por cento). A categoria de bens de consumo confirma os resultados verificados no segundo trimestre, aparecendo como aquela que foi menos afetada pelo desaquecimento observado no setor secundário.

A perspectiva de retomada do crescimento industrial pode ser melhor compreendida, quando inseridos nela os dados da arrecadação do IPI, por região. Enquanto no final do segundo trimestre, a queda foi menor (-4,6 por cento). Vendendo a questão pelo lado regional, nota-se que a arrecadação do IPI da região Norte, aumentada em 8,1 por cento em junho, passou para 11,9 por cento no mês seguinte. Na região Nordeste, passou de -2,1 por cento em junho, para 1,3 por cento em setembro. O quadro na região Sudeste mostrou uma alteração de -8,1 por cento em junho para -7,4 por cento em setembro e, na região Sul, as alterações foram de 1,1 por cento, em junho, para 4,9 por cento em setembro.